

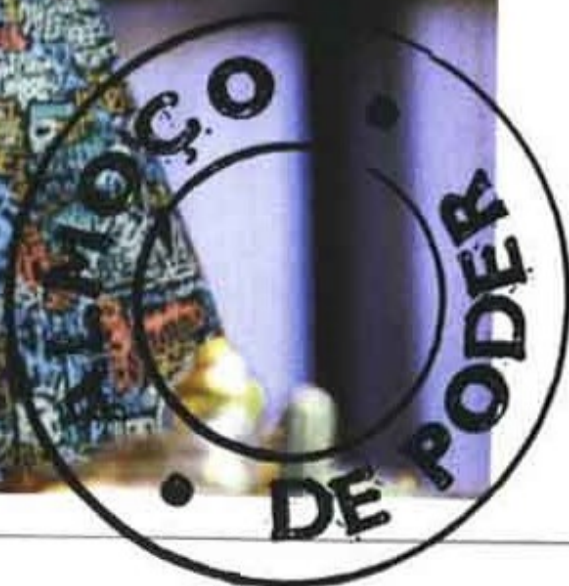
# JOSÉ SIMÃO

*O colunista mais lido do Brasil come pouco, fala muito, ri ainda mais, e explica como criou o texto mais peculiar da imprensa nacional e como vê o atual cenário político*

POR FÁBIO DUTRA

FOTOS ALEXANDRE MAKHLOUF

E FERNANDA RODRIGUES



## "A Marina teria mais chances se fosse dublada pelo Cid Moreira"



Meu Deus, como tem gente velha aqui! Você não me avisou que a faixa etária era essa.

Rarará!" De fato, o restaurante Parigi, em São Paulo, estava lotado em uma quarta-feira ensolarada do começo da primavera. As mesas estavam cheias de poderosos – sobretudo homens – acima dos 50 em almoços de negócios. Aos 70 anos, José Simão não parece gostar da companhia de senhores. Menos ainda em se tratando do PIB nacional. Ainda em pé, cumprimentando a reportagem, Simão nota que a duas mesas da nossa está almoçando o vice-presidente da República, Michel Temer, na companhia de seu sócio, o advogado José Yunes, e outro engratado: "Ué? É filme de terror?! Rarará! Fala a verdade, ele não parece mordomo de filme de terror?". Rimos todos.

Os olhos expressivos, arregalados, e o sorriso aberto, receptivo e alegre, permitem antever a simpatia que dará o tom do encontro. Simão se senta e dispara a falar. Entre muitas tiradas,



*A bruschetta do couvert*

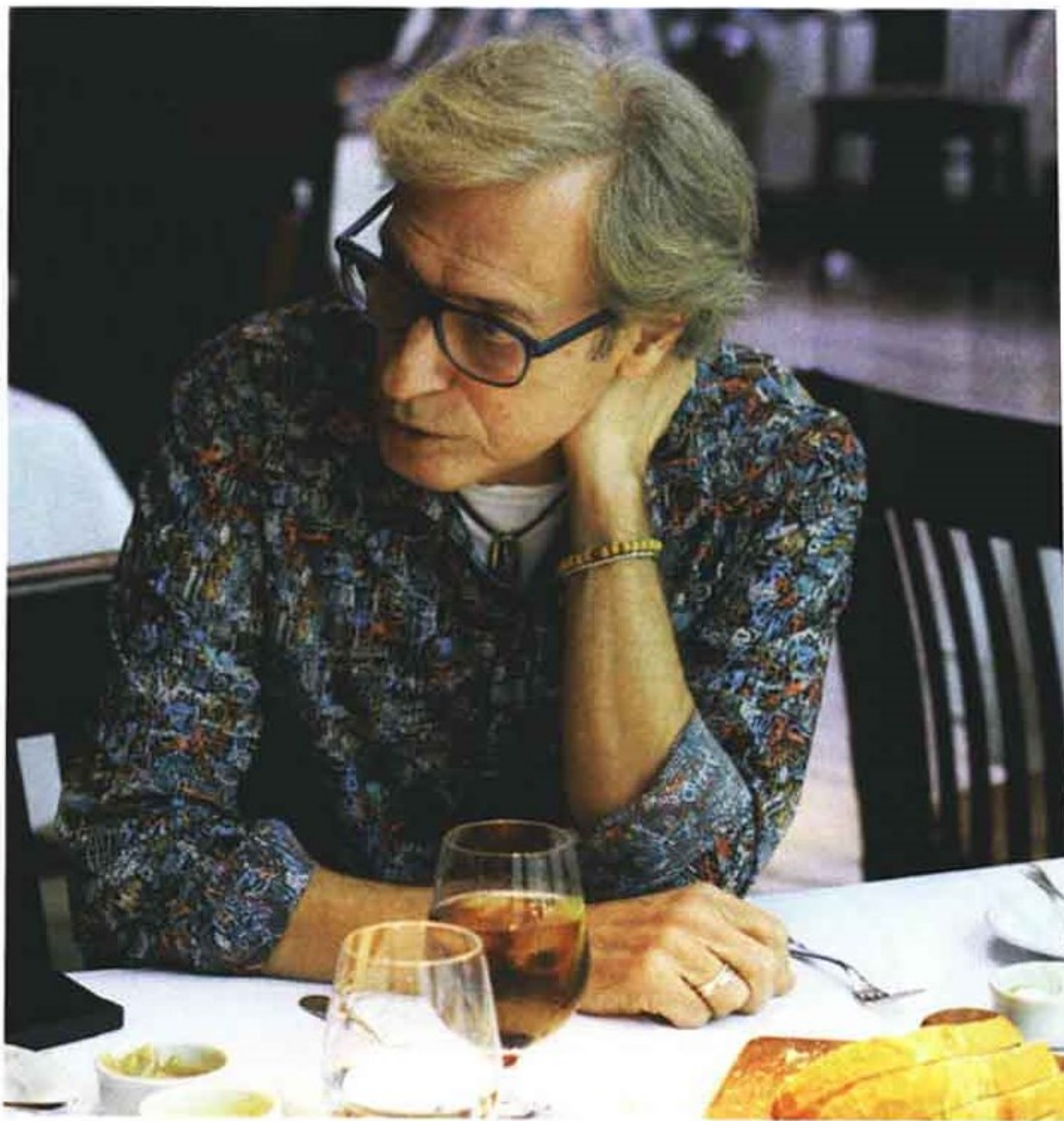
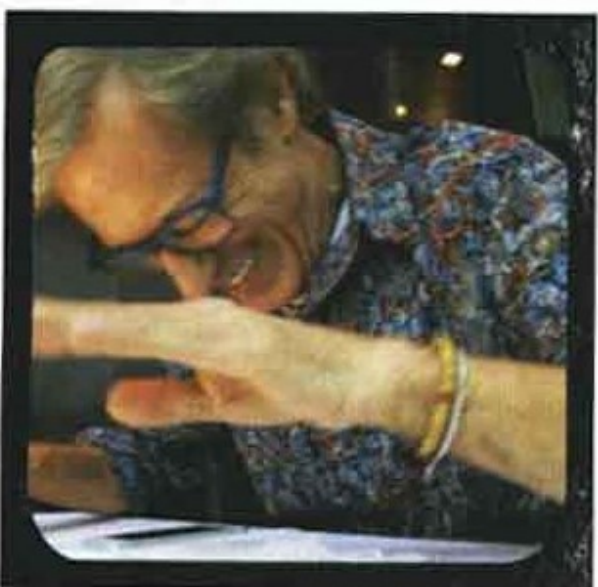
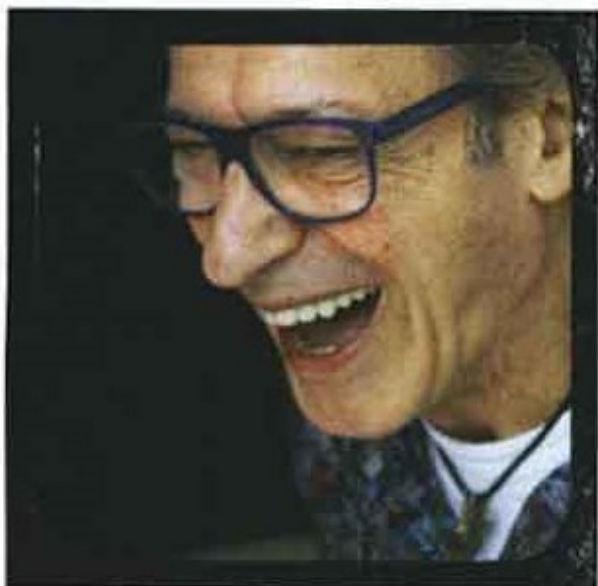


*Pão com manteiga para manter-se sempre mastigando*

um léxico todo próprio, e uma sensatez digna da máxima de Nelson Rodrigues – “só os profetas enxergam o óbvio” –, ele fala sério e reflete sobre humor, política, Brasil e até sobre preconceito, ódio e rancor – o único assunto capaz de tirá-lo do sério. Ele pede uma Coca-Cola, besunta um pedaço de pão italiano com bastante manteiga e, gesticulando o tempo todo, começa pela trajetória profissional nada comum. De galho em galho, sem qualquer planejamento, o Macaco Simão se tornou o colunista mais lido do país, entre a forma moderna de sua coluna na *Folha de S. Paulo* e o compilado de piadas e memes da internet de seu blog no UOL, e também um dos mais famosos humoristas, parado nas ruas – fama alcançada pelo sucesso de suas inserções no noticiário da rádio Band News FM.

### **LINHAS TORTAS**

Apesar do estilo desvairado de sua persona pública, Zé Simão foi um bom garoto na infância. Asmático, tinha de ficar em repouso, o que lhe rendeu



***"Isso aqui era uma fazenda e hoje as coisas estão mais sofisticadas, a vida melhorou. O Brasil mudou, fico feliz"***

duas características que o acompanhariam pela vida adulta: o gosto pela literatura e a hipocondria. "Eu lia, lia, lia. Subia na estante para chegar no alto e alcançar os livros proibidos. Parece até pedantismo, mas, aos 9 anos, eu já havia lido (Marcel) Proust." Filho de um médico e de uma dona de casa, ele foi aluno do Rio Branco e do Bandeirantes, dois colégios de elite da capital paulista. Passou no vestibular da tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco e foi estudar para se tornar advogado. Aguentou até o

terceiro ano, quando decidiu se mandar para Londres. "Eu queria ver tudo aquilo que estava acontecendo lá nos anos 1960. Aquilo era incrível, aquela salada, gente andando fantasiada pelas ruas. A droga da época era o LSD... E tive a oportunidade de ver os Rolling Stones no Hyde Park, uma experiência mágica. Ah!, o Mick Jagger! Eu queria ser o Mick Jagger!" Mas chegou a ter banda, tentou virar roqueiro? "Não! Eu queria ter o visual do Mick Jagger! Rarará! Aquela atitude, aquela boca. Um ídolo, né? E aqui no Brasil pegou essa

coisa de pé frio... Pé frio e pinto quente, né?, convenhamos! Rarará!", conta o sempre esbrachado colunista, entre gostosas risadas alguns decibéis acima do limite da lei do psiu. E dá-lhe mais pão com manteiga, sempre em pedaços bem pequenos, como se a intenção fosse mais entreter-se do que de fato se alimentar.

À universidade ele nunca mais voltou. Depois do ano e meio londrino, foram os "anos baianos", em suas palavras. Mas o cenário era o Rio de Janeiro, nas famosas Dunas da Gal, próximas

## VAIAS

Procurado por uma faculdade para falar sobre stand-up, Simão tem fugido do assunto. “Preciso pensar sobre isso, mas acho chato. É que acho agressivo sem ser engraçado ou inteligente, é só pela agressão. E tentam levantar a bandeira da liberdade de expressão, mas não há liberdade pro ódio. As vezes falam que os Trapalhões faziam piadas ofensivas a certos grupos, mas a sociedade evoluiu e o humor tem de evoluir também”, reflete ele, sério. Quem seria, então, o sucessor para a bem brasileira, e até oswaldiana, coluna que criou? “Com a minha linguagem não vi ninguém, mas tem gente boa, o Gregorio Duvivier, por exemplo. Você vê?”, encerra, intrigado com a questão.

ao píer de Ipanema, onde se reuniam os jovens alternativos para aplaudir o pôr do sol e assistir aos shows de Gal Costa todas as noites no Teatro Tere-

“Nóis sofre, mas nóis goza! Hoje só amanhã! Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!”: “É a minha vinheta. Não abro mão. Programa de televisão não tem vinheta? Por que eu não posso ter? E é bom que dá um gatilho no texto. Quando escrevo o bordão entro no ritmo, e isso é tudo. Você pode ter um texto ótimo, mas sem ritmo você não tem nada. Eu até escrevo em voz alta!”, explica, sobre a coloquial coluna que inventou. Daí a cair no rádio e na internet foi um pulo. “Nunca planejei, minha tendência é sempre falar não, sou resistente ao novo. Mas foram me convidando, me convencendo e a coisa foi acontecendo...”, diz. Para a televisão

em pedir que reponham, contentando-se em catar as migalhas crocantes que povoam seu prato enquanto conta mais histórias. E piadas. Rarárá!

## CAXIAS

Mais surpresas. Reflexivo, pensando bem nas respostas, com o olhar fixo na mesa, o colunista explica que é bastante sistemático quando o assunto é labuta, apesar de advertir que sua cabeça é um caos, como é a praxe entre as mentes criativas. “Eu trabalho em casa, preciso me organizar. E tenho vários deadlines durante o dia, hora de entrar no rádio, hora de entregar a coluna do jornal. Preciso ser organizado.



za Rachel. “Eu era um cabeludo lindo. Mas não era hippie, era underground, digamos”, lembra. De lá, foi passar uns tempos em Salvador até retornar a sua São Paulo natal. “Eu sempre escrevi. Quando morava em Londres, cheguei a fazer críticas para a BBC, levado por amigos que trabalhavam lá”, explica. Foi também levado por amigos que ele caiu na *Folha*, onde, desde 1987, assina a coluna na *Ilustrada* que sempre começa com “Buemba! Buemba! Macaco Simão urgente! O esculhambador-geral da República!” e termina com

não tem planos, mesmo que haja convite. “Não gosto. Eu até poderia querer ficar bem famoso, ganhar mais, mas não é a minha, não sou ávido por dinheiro. Quando vou a algum programa como convidado, fico nervoso. A luz, a preocupação em como me portar, a espera... Eu tenho pânico de palco, sabia? Sou convidado pra apresentar prêmios, dar palestras, mas tenho bloqueio”, conta Simão, para surpresa dos presentes que assistem a um desinibido entrevistado. A essa altura, o pão do couvert acabou e ele nem se incomoda

Saio pouco porque levanto bem cedo – sempre acordei, na verdade, porque gosto do sol, da alvorada –, tenho de entrar na rádio às 8h45 e o (Ricardo) Boechat está lá desde as 7 horas, está com a adrenalina no auge. Não dá para eu estar meia-bomba”, explica. Hábitos que levou em conta na hora de se mudar. Há alguns meses o humorista mora em um apartamento grande – “tem pouco mais de 200 metros quadrados, é importante ter mais de um ambiente para se movimentar quando você trabalha em casa” – com uma bela vista do cen-



tro de São Paulo onde é possível ver o nascer do sol. Nas paredes, muita arte pop, nacional e estrangeira, misturadas a objetos que ele compra e cata por aí, principalmente em viagens. Na última ida a Barcelona, por exemplo, arrancou de um muro um cartaz de show que lhe encantou e que hoje divide a sala com pinturas, esculturas e fotografias de artistas renomados. Em um dos cantos fez um panteão do mal: Evita Perón, Mao Tsé-tung, Hugo Chávez, tem de tudo. É hora de pedir. “Vou querer uma entrada e uma sobremesa, não estou com tanta fome”, decide, optando por um suflê de queijo de cabra fresco, mas avisa que roubará batatas fritas do repórter que escolheu um steak tartare. “Eu adoro menu kids! Rarará! Eu como de tudo, me cuido, me exercito todo dia – mas gosto mesmo é de comida de criança”, confessa o guri aprisionado em um corpo adulto.

## CIRCO POLÍTICO

José Simão pode ser engraçado, mas sua crítica mordaz atinge muitas vezes o cerne de questões complexas. Ninguém duvida que ele seja uma das cabeças que melhor entende o Brasil e sua política – e políticos. Como é então que ele vê as disputadas – e até improváveis – eleições deste ano? Um pouco arisco em se posicionar a favor de quem quer que seja, aos poucos ele vai abrindo suas impressões, uma divertida metralhadora giratória. “Eu não sou de esquerda nem de direita, sou da cintura para baixo! Rarará!”, deixa cla-

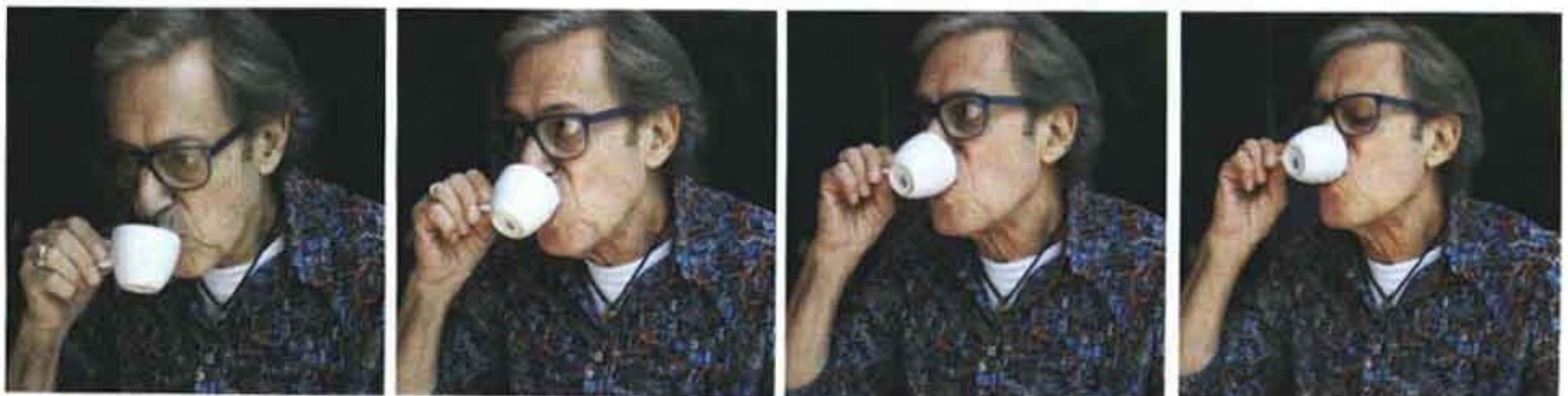
ro, antes de tecer considerações sobre a ignorância que acredita ter tomado conta do debate, principalmente na internet. “Criou-se um pouco a cultura do rancor. Tem uma turma antipetista – nada contra, quantas vezes eu mesmo sou antipetista durante o dia? – que decidiu partir para a ignorância. Então, eles são contra qualquer bandeira progressista que eles vejam o PT defendendo, como se fossem os únicos que o fizessem. Eles atacam casamento gay, feminismo, qualquer coisa que eles vejam alguém da esquerda defender. Tem um amigo meu mineiro que diz ‘por que, Jesus?!’, acho ótimo. Seleciono minha timeline para não ver isso. O problema não é político, é de atraso mesmo”, crava. Em sua tela aparecem quase todos os jornais e revistas importantes do mundo, além de amigos e pessoas que admira, como o escritor e jornalista Marcelo Rubens Paiva e o deputado federal Jean Wyllys.

“Eleição é um pouco pesado, cobrir

## ARRASTA-PÉ

Arembepe, São Paulo e Paris são os lugares em que Simão se sente em casa. Mas é no litoral baiano que ele recarrega as energias. “Chego lá e fico descalço no areião. É bem Bahia, tem cavalo na praia, roda de capoeira, umas periguetes. E minha casa é debruçada na areia em uma área do Projeto Tamar, não pode ter luz, é incrível. Mas depois de um tempo cansa e quero voltar, sou urbano, gosto de cheiro de gasolina. Rarará!”, conta, afirmando que a praia encheu nos últimos tempos por causa do crescimento da renda, e ele não se incomoda nada com isso. Mas quando vê paulista por lá, não fica exatamente feliz: “Acho ótimo que todo mundo vá, mas tenho ciúme da Bahia. Não é raiva, é ciúme. Rarará!”, brinca.

a Copa foi muito mais vibrante”, diz o humorista. “Mas a eleição está muito interessante, ter duas mulheres fortes na corrida eleitoral é incrível”, completa. Simão também gosta dos nanicos, como Luciana Genro e Eduardo Jorge, que por não terem chances reais de vencer falam mais abertamente e muitas vezes têm posições melhores. “Tínhamos de criar um conselho de nanicos para governar. Rarará! E o Eduardo Jorge deveria ser o presidente da ‘memelândia’! Rarará! Acho muito interessante essa nova forma de arte que só existe na internet, que é o meme. Durante os debates na televisão, era impressionante a quantidade que se produzia em tempo real. Mas debate não, é coisa ultrapassada. Ninguém fala nada com nada, de tanto debater nada fica debatido. Deviam substituir por outra coisa, Dilma e Marina lutando no gel, por exemplo. Ressuscitar a banheira do Gugu! Rarará!”, faz troça, emendando que “o Aécio parece o tio da Sukita!” e que “a Marina deveria ter dublagem do Cid Moreira para ter mais chances”. Apesar das brincadeiras, ele faz questão de pontuar que viu o Brasil avançar muito nos últimos 20 anos e que, pela primeira vez, não está nervoso quanto ao resultado das urnas, pois acredita que, no estágio em que se encontra “o Brasil vai!”, não importa o eleito. “Isso aqui era uma fazenda e hoje as coisas estão mais sofisticadas, a vida melhorou. Tanto que existe algo do velho Brasil, de pessoas que não gostam de dividir as coisas que antes só elas tinham acesso. O país mudou,



fico feliz”, finaliza, enquanto raspa, há alguns minutos, a travessa de suflê para garantir que comeu tudo.

## DOLCE VITA

O cardápio de sobremesas é olhado com cuidado. O voto vai para a tarte tatin com sorvete de creme, que chega no capricho. Enquanto come, menos agitado a essa altura após algumas horas de conversa, nota-se uma aura um pouco triste, típica dos comêcos que



alegram o mundo, mas carregam em si certa melancolia. E até alguma solidão, apesar das diversas amizades que cultiva – e os amigos o idolatram. Simão garante que não: “Fico triste, claro. E fico muito triste, sou tragicomédia, sempre digo. Mas meus estados de espírito não duram muito, fundo de poço tem mola e logo fico agitado outra vez”. Tomamos um café e ele convida a reportagem a acompanhá-lo até a porta para fumar um cigarro. Enquanto conversa-

## DÂNDI

Extremamente vaidoso, José Simão avisa que se ficasse pobre assaltaria a (perfumaria) Sephora. Magro e aparentando bem menos que sua idade, ele leva os cuidados com o corpo a sério. E também admite ser consumista: “Eu gosto de pano – ainda bem que não é joia. Senão, iria à falência. E gosto de comprar. Não entendo nada de moda, entendo de comprar. Quando vejo um desfile do Alexandre Herchcovitch na São Paulo Fashion Week tenho vontade de gritar para o modelo: ‘Tem P?’ Rarará!”. No almoço, ele vestia uma elegante camisa colorida (do estilista inglês) Paul Smith, mocassim lilás em que se lia Louis Vuitton e óculos roxos gritando Marc Jacobs pelas hastes.

mos de pé, ele nos conta que não dirige e por isso contratou um motorista. Faz o telefonema para avisar que está esperando e aproveita os poucos minutos para mostrar alguns memes que recebeu sobre a recente fala homofóbica do candidato Levy Fidelix. Mais algumas gargalhadas e ele se despede para entrar no SUV branco que o espera. “Eu só conheço carro pela cor, não diferencio os modelos”, explica, enquanto rimos todos pela última vez. ■



*"Eu gosto de pano. Mas não entendo nada de moda, entendo de comprar."*